

## **Um herói sem arma: Desmond Doss e a mitologia do herói nas publicações adventistas<sup>1</sup>**

**Lucas Schultz DIAS<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Desmond Thomas Doss (1919-2006) possui uma história singular. Fiel da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), este americano era absolutamente contrário à guerra quando foi convocado a lutar na Batalha de Okinawa. Com o título “Objetor de Consciência” assinalado em seus documentos e recusando-se a matar, ou mesmo a pegar em uma arma, uma vez em guerra, agiu com bravura. Em 29 de abril de 1945, um sábado, salvou 75 homens abaixo de fogo inimigo. Pelas façanhas em campo de batalha, se tornou o primeiro opositor declarado da guerra a ganhar a Medalha de Honra do Congresso norte-americano. Portanto, diversas são as publicações exaltando as proezas heroicas de Doss, que inclusive já teve a história adaptada a quadrinhos como *A hero without a gun* (1946), da *DC Comics* e *Medal of Honor* (1994), da *Dark Horse Comics*. Entretanto, é notória a histórica relação conturbada entre a tradição religiosa protestante/evangélica e os quadrinhos, conforme elucidada por Allan Novaes e Felipe Carmo. Partindo desse contexto conflituoso, articulando o conceito do monomito, da “jornada do herói” de Joseph Campbell (1904-1987), com as reflexões de Iuri Reblin acerca da estrutura de superaventura e sua relação tangente com a teologia, objetiva-se efetuar uma análise de como Doss é retratado nas principais publicações adventistas em língua inglesa, de 1945 até 2016. O presente trabalho pretende, então, identificar os conceitos de herói utilizados pelos periódicos adventistas ao abordar a história desse condecorado soldado.

**Palavras-chave:** ADVENTISMO; HERÓI; MITOLOGIA; DESMOND DOSS; QUADRINHOS.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

<sup>2</sup> Graduando em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Graduado em Jornalismo pelo Unasp. E-mail: paraschultz@gmail.com

## **Campbell e a jornada do herói**

Em se tratando de mitologia, o nome de Joseph Campbell (1904-1987) é notável. No seu mais conhecido trabalho, “O Herói de Mil Faces”, livro composto de uma série de entrevistas com este famoso mitólogo norte-americano, o autor apresenta uma composição do herói-padrão (protagonista) e sua aventura-padrão (história), analisando as similaridades advindas dos mais célebres protagonistas das religiões, dos contos de fada e do folclore universal. A relação entre sua simbologia atemporal e os símbolos detectados nos sonhos, decifrados pela moderna psicologia é o ponto de partida da interpretação sugerida por Campbell. Conforme o autor elucida, os sonhos dizem muito sobre as figuras arquetípicas encontradas nos mitos, figuras estas que servem de base às narrativas humanas. Nos sonhos, os arquétipos a serem descobertos e assimilados nada mais são do que os que “inspiraram, nos anais da cultura humana as imagens básicas dos rituais, da mitologia e das visões” (CAMPBELL, 1995, p. 13). Dessa forma, as figuras que servem de base às narrativas mitológicas, de ontem e de hoje, foram estabelecidas já nos primórdios da humanidade e habitam, desde então, sempre e para sempre, o imaginário (consciente ou não) do homem, como uma forma de resolução de problemas:

O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade (CAMPBELL, 1995, p.13).

Encarando o mito como um sonho coletivo, uma construção social, em que cada trivialidade é “intensamente significativa”, Campbell (1995, p. 146) analisa o conjunto dos principais mitos das diversas culturas humanas, traçando paralelos que evidenciam suas similaridades. Independente do povo, da época, ou de qualquer variável cultural a que este esteja submetido, seu mito vai seguir um padrão de unidade nuclear. Toda aventura de herói costuma seguir um *template* básico universal: “um afastamento do

mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida” (CAMPBELL, 1995, p.20). A esse ciclo de ida e volta, o autor chama *monomito*, a estrutura básica comum aos mitos (ver CAMPBELL, 1995). Portanto, é analisando as similaridades atinentes às narrativas que se consegue perceber ou extrair uma estrutura básica daquilo que é um herói e da trajetória que o identifica como tal. Essas similaridades, porém, não tornam todo mito exatamente igual ao outro: o que permanece é apenas o plano essencial, salvas algumas exceções:

Os contos populares representam a ação heróica do ponto de vista físico; as religiões mais elevadas a apresentam do ponto de vista moral. Não obstante, serão encontradas variações surpreendentemente pequenas na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas. Caso um ou outro dos elementos básicos do padrão arquetípico seja omitido de um conto de fadas, uma lenda, um ritual ou um mito particulares, é provável que esteja, de uma ou de outra maneira, implícito — e a própria omissão pode dizer muito sobre a história e a patologia do exemplo (CAMPBELL, 1995, p.21).

O herói-padrão é uma figura iniciante a quem é dirigido um desafio fantástico, alguém “de caráter mais ou menos humano, por meio dos quais é cumprido o destino do mundo” (CAMPBELL, 1995, p. 165). Para Campbell (1995, p.46) aventura é, sempre e em todos os lugares, o andar para fora dos limites entre o conhecido e o desconhecido: aquele que tiver competência e coragem para enfrentar as “forças perigosas que vigiam no limiar”, assim como os riscos, “verão o perigo desaparecer”. O primeiro estágio da jornada mitológica, denominado "o chamado da aventura" (1995, p. 34) é marcado por um chamado do destino, convocando o herói e transferindo-lhe “o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida”. Porém, se aceitar o chamado implica submeter-se à aventura, recusar o chamado implica tomar para si a desventura, a “contraparte negativa” da aventura. O herói deixa seu status heroico, e “aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela "cultura", o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva” (1995, p.34). Sua vida perde o sentido.

A existência abordada por Campbell e visível nos mitos é a constante busca por transcendência e sempre resulta em crescimento, ruptura de paradigma. É a exploração máxima de universo que um homem consegue vivenciar, nem que seja apenas em tese:

A agonia da ultrapassagem das limitações pessoais é a agonia do crescimento espiritual. A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que o limitam e a alcançar esferas de percepção em permanente crescimento. Enquanto ele cruza limiar após limiar, e conquista dragão após dragão, aumenta a estatura da divindade que ele convoca, em seu desejo mais exaltado, até subsumir todo o cosmo. Por fim, a mente quebra a esfera limitadora do cosmo e alcança uma percepção que transcende todas as experiências da forma — todos os simbolismos, todas as divindades: a percepção do vazio inelutável (CAMPBELL, 1995, p.101).

Após esse momento de ruptura com o conforto que resulta em crescimento, conforme aclara Campbell (1995, 114), o herói pode voltar para o lugar de onde saiu, trazendo consigo o “troféu transmutador da vida”, para então agradecer os seus, dividindo com eles a sabedoria, poder, ou bem adquirido, “onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos”. Eis o fim do ciclo do monomito. Entretanto, ao fim da jornada, o herói, para ser reconhecido como tal, não pode fracassar:

Os mitos do fracasso nos tocam com a tragédia da vida, mas os do sucesso o fazem, tão-somente, com seu próprio caráter de incredibilidade. No entanto, se o monomito deve cumprir sua promessa, não é o fracasso humano, nem o sucesso sobre-humano, mas o sucesso humano, o que nos deve ser mostrado (CAMPBELL, 1995, p.120).

É na beneficência e no sucesso, façanha humana, que todo mito se encerra, como seria de se esperar de algo que representa um anseio coletivo, de natureza social. Assim, o herói-padrão percorre seu caminho, vence seu desafio, concluindo sua aventura-padrão como se espera dele.

## Reblin e a superaventura

Para se entender o conceito inerente ao termo *superaventura*, tão caro à análise do status de Desmond Doss atinente à presente pesquisa, faz-se necessário abordar um dos grandes incentivadores de seu uso. Iuri Reblin, em seus estudos sobre a relação entre mídia e religião, aponta que os traços correlacionáveis na comunicação entre os dois polos se dão, justamente, na humanidade por trás deles. De acordo com Reblin (2012, p.94) a superaventura pode ser entendida como “um tipo particular de narrativa e uma arte específica de se contar histórias”, que se desenvolveu e ampliou ao longo do tempo e naturalmente transcendeu seu lugar vivencial, os quadrinhos. Contudo, confundir superaventura com história em quadrinhos é um erro: uma consolidou a outra no mercado editorial. Ainda assim, como a história das duas tende a se confundir, é sensato dizer que não se pode falar de uma sem esbarrar na outra. Para o autor:

Mais que um romance de folhetim, a superaventura é uma narrativa mítica que conta uma história de salvação, protagonizada por um herói, que é ritualisticamente rememorada e atualizada aos novos contextos. Enquanto tal, a superaventura reitera exemplarmente valores e concepções de mundo e traz as características atinentes ao mito (REBLIN, 2012, p.22).

Se a superaventura mostra o homem enquanto grupo, revelando “valores e concepções de mundo”, ela acaba também por revelá-lo como indivíduo, ser pensante. E esse conceito se faz evidente nas palavras de Reblin, ao ponderar que “as narrativas de super-heróis são expressões do universo simbólico do ser humano, seus significados, seus princípios, suas crenças” (REBLIN, 2012, p.60). O homem, portanto, revela a si mesmo por meio da narrativa, que é o contar de sua humanidade. Inclusive, para Reblin, é da humanidade que vem o diálogo entre a superaventura e outras categorias, como a teologia:

A teologia do cotidiano se insere na discussão à medida que as concepções e símbolos religiosos articulados e apresentados nas narrativas da superaventura emergem do cotidiano; isto é, não se

trata de argumentações de teólogos ou discursos de instituições religiosas que transparecerão nas narrativas, a menos, claro, que uma determinada narrativa seja produzida por um teólogo ou um clérigo de uma determinada instituição com o objetivo de transmitir uma mensagem específica. O que se encontrará nas histórias da superaventura serão antes elementos ou elaborações provenientes de uma religiosidade popular, de um imaginário religioso coletivo, atrelado ao contexto social de onde e para onde a história se destina [...] (REBLIN, 2012, p.153).

Assim, a religiosidade é presente nos quadrinhos, mas geralmente como parte do retrato humano, no cotidiano, diluída entre tantas outras referências culturais atinentes aos personagens. Segundo Reblin (2012, p. 207), a teologia, portanto, por ser mais uma atividade humana que busca um sentido, se imiscui, podendo ser revelada nas mais sortidas produções artísticas e culturais que envolvem e são frutos da vida humana.

Por mais que a superaventura seja traço natural do manuseio do mito, uma manifestação comum à humanidade, isso também não significa que o relacionamento dela com o meio acadêmico seja simples. Historicamente, a relação entre a superaventura e o ambiente acadêmico é complexa, possivelmente, por ser esta uma manifestação própria da cultura de massa cuja forma e conteúdo são por vezes mal compreendidos e abordados (ver REBLIN, 2012, p. 28, 29). Por sinal, o mal-estar com a superaventura é historicamente visível em outros meios, como o dos partidos políticos conservadores e o da tradição religiosa protestante/evangélica. Por muito tempo, ela foi vista como pseudoarte, sublitteratura, empobrecedora cognitiva, algo demonizante e imoral (ver CARMO; NOVAES, 2015 e REBLIN, 2010, p. 15).

Para uma correta abordagem, Reblin (2012, p. 72) esclarece que por ser uma narrativa, a superaventura precisa ser “percebida, lida, ouvida e até mesmo interpretada” como tal, a partir dessa verdade intrínseca. Uma vez que ela conta histórias, e é fato que o homem conta histórias “desde os tempos mais remotos de sua biografia”, ela nada mais é do que um dos vários caminhos artísticos selecionados ao longo da história para contá-la, inventá-la e repassá-la, num esforço pela necessária preservação tanto dos fatos quanto da interpretação dos mesmos. Assim, o autor elucida que uma decorrência do formato *narrativa* que torna a superaventura de fácil identificação, assimilação e

utilização pelo público é o retrato que ela oferece do ser humano. O leitor da superaventura “não apenas se configura a partir das palavras que recebe e que enuncia sobre si mesmo, a partir das histórias que lê, ouve ou conta, ele é atraído e fascinado por elas; mais ainda, ele precisa delas, porque é por meio delas que ele se (re)inventa” (REBLIN, 2012, p.91). A invenção da história pode ser a reinvenção do homem.

É possível ao ser humano reconhecer as próprias particularidades na história à qual está exposto, uma vez que toda narrativa, mesmo a ficcional, deriva da realidade humana. Toda história é construída por ao menos um humano, a partir do conjunto de signos humanos, logo, passível de gerar catarse, identificação. Assim, a principal empatia despertada é a empatia com a própria história da audiência, pois “em praticamente todas elas há um herói, um vilão, um problema a ser retratado, encarado e superado.” (REBLIN, 2012, p.95). Esse conceito, inclusive, remonta ao monomito de Campbell (ver CAMPBELL, 1995, p. 137), que, por meio da análise dos mitos universais, estabelece uma estrutura similar a toda história, um template original, customizável de acordo com o grupo humano que é seu público.

### **A diferença entre herói e super-herói**

Segundo Reblin, (2012, p. 114), super-heróis são heróis com super-poderes, capacidades sobre-humanas, que passam por situações extremas (aventuras) que os levam a utilizar seus poderes, combatendo seus pares, antagonistas em semelhante situação, ou posição, e dotados de semelhante condição super-poderosa. O conceito apresentado aqui define tanto o herói como a jornada que ele empreende justamente porque, de maneira complementar, um acaba por definir o outro.

Outro fator de *heroicidade* elencado por Reblin é que um super-herói só o é, de fato, se utilizar seu poder para promover o bem e a justiça sociais de forma altruísta, característica moralizante inerente ao imaginário popular. O personagem também, quase sempre, precisa disfarçar sua identidade, com codinomes, esconderijos e fantasias, uma vez que precisa proteger a si mesmo, ou aos que ama, de possíveis retaliações, além de, com isso, garantir o sucesso de sua missão. O codinome escolhido geralmente

corresponde ao principal poder do herói, sua atitude ou papel desempenhado (ver REBLIN, 2012, p. 115-118). Contudo, uma vez que essa definição é adequada ao conceito de super-herói, não deixa de ser cabível, em escala menor, ao conceito de herói.

Para Reblin (2012, p.116), essa definição não se restringe apenas ao gênero dos super-heróis, podendo ser aplicável a heróis sem o prefixo *super*, nos gêneros em que a figura heróica destituída de super-poderes igualmente apresenta uma missão especial a ser cumprida como característica própria. Fica evidente, então, que o herói é alguém com algum tipo de força de caráter, algum sistema de valores, e que faz de tudo para mantê-los durante a missão que precisa cumprir. Ainda conforme Reblin (2012, p.127), em comparação, as narrativas de super-heróis nada mais são do que retratos de uma jornada, uma trajetória percorrida por um herói, com este mantendo todos os atributos típicos de um chamado herói (atributos físicos, psicológicos, morais), porém, dotado de superpoderes (ver REBLIN, 2010). As figuras heróicas e super-heróicas, então, acabam por ser “um símbolo que motiva a humanidade a ir adiante” (REBLIN, 2012, p.130), extrapolando a própria missão concernente à narrativa e ampliando o espectro de sua função ao servirem de exemplo de superação à humanidade, pois são pessoas como eles, “de caráter mais ou menos humano, por meio dos quais é cumprido o destino do mundo” (CAMPBELL, 1995, p.165).

### **Desmond Doss, um herói**

Desmond Thomas Doss (1919-2006), apesar de desconhecido no Brasil, é figura notória na história do Estados Unidos. Fiel da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), foi convocado a lutar na Batalha de Okinawa, durante a II Guerra Mundial. Sempre contrário ao porte de armas e negando-se a matar<sup>1</sup>, tornou-se o primeiro objeto de consciência a ganhar a Medalha de Honra do Congresso norte-americano<sup>2</sup>. A situação de Doss contribuiu para a popularização do conceito do *objeto de consciência* ou *objeto*

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/3I3uuV>> Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/26zN8q>> Acesso em: 13 jul. 2016.

*conscienzioso*. Tal expressão “não surgiu no contexto adventista, mas está ligada a movimentos religiosos que passaram a questionar a interferência do Estado em situações que envolvem crenças pessoais”<sup>1</sup>. O motivo pelo qual Desmond Doss ganhou a medalha é ainda mais chamativo que a condecoração em si: em 29 de abril de 1945, um sábado, salvou 75 homens<sup>2</sup> abaixo de fogo inimigo atuando como médico.

Diversas são as publicações exaltando as proezas heroicas de Doss, que inclusive já teve a história adaptada a quadrinhos como *A Hero Without a Gun* (Um Herói Sem Arma), da DC Comics<sup>3</sup> e *Medal of Honor* (Medalha de Honra), da Dark Horse Comics<sup>4</sup>. Sua história inspirou o livro *The Unlikeliest Hero* (O Herói Improvável), assim como o documentário *The Conscientious Objector* (O Objeto de Consciência)<sup>5</sup>. Em novembro, estreia o filme *Hacksaw Ridge* (ainda sem título em português), produção hollywoodiana dirigida por Mel Gibson e estrelada por Andrew Garfield, no papel de Doss<sup>6</sup>. Falecido em 2006, aos 87 anos de idade, Doss é considerado um herói nacional pelos norte-americanos e um símbolo da não combatência para os adventistas<sup>7</sup>.

Uma vez que a cultura pop e suas narrativas evidenciam o caráter heroico das proezas de Desmond Doss, sua heroicidade é atestada. Seu personagem é alguém que recebe uma missão, toma-a para si, passa pelos desafios inerentes a ela, sai da jornada imaculado, traz consigo uma medalha e deixa à sua nação um legado de patriotismo: uma trajetória de sucesso remissível à estrutura do monomito de Campbell (1995, p.120). Além disso, o fator moralizante advindo de sua conduta altruísta em prol do bem comum, como também seu sistema de valores cuidadosamente protegido, tornam a

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/MBYJvK>> Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>2</sup> THE CHRISTIAN CENTURY, 2006, p.19: “A Seventh-day Adventist and World War II veteran who won a Congressional Medal of Honor for saving dozens of soldiers while unarmed has died at 87. Desmond T. Doss Sr. died March 23 at his residence in Piedmont, Alabama, reported the Adventist News Network. Doss served as a U.S. Army medic, and in keeping with his Adventist beliefs he refused to work on Saturday, his denomination's Sabbath, or carry a gun. But he earned his medal by keeping one of those rules and forgoing the other. On May 5, 1945, a Saturday, the unarmed Doss rescued 75 wounded soldiers on the island of Okinawa. He is believed to be the only person to receive the medal for noncombat action in World War II. Doss's wife, Frances, said he didn't like being called a conscientious objector—he was the subject in 2004 of a feature-length documentary, *The Conscientious Objector*—and preferred to be described as a ‘noncombatant’.”

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/88Y3Y0>> Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/hmCikK>> Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/6nCSRX>> Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/NSldSk>> Acesso em: 13 jul. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/MBYJvK>> Acesso em: 13 jul. 2016.

história associável ainda com o conceito de herói elucidado por Reblin (ver REBLIN, 2012, p.115-118). De tal forma, Desmond Doss, para além da opinião pública, é também narrativamente considerável um herói.

### **Desmond Doss nas publicações adventistas**

Considerando a heroicidade de Desmond Doss, o presente trabalho pretende colaborar com os estudos da relação adventismo-HQs ao analisar como Doss é retratado nos principais periódicos adventistas em língua inglesa, identificando o conceito de herói utilizados por tais publicações, como maneira de discernir o pensamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos a respeito da ideia de um herói (ideia remissível à superaventura e à própria mídia dos quadrinhos), mesmo sendo este um herói adventista. Para tanto, foram pesquisados nesses periódicos o nome *Desmond Doss*, através do site do Escritório de Arquivos, Estatística e Pesquisa da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ASTR)<sup>1</sup>, no período de 1945 até 2016. Foram pesquisadas edições de *Adventist Messenger*, *Adventist Record*, *Atlantic Union Gleaner*, *British Advent Messenger*, *Collegiate Quarterly*, *Canadian Union Messenger*, *Central Union Reaper*, *Columbia Union Visitor*, *Eastern Tidings*, *Far Eastern Division Outlook*, *Review and Herald*, *The Inter-American Division Messenger*, *The Journal of True Education*, *Life & Health*, *Liberty*, *Lake Union Herald*, *Missionary Leader*, *Missionary Volunteer Week*, *Missions Quarterly*, *Northern Union Outlook*, *Our Times*, *Pacific Union Recorder*, *Signs of the Times*, *Southern Tidings*, *The Ministry*, *South American Buletin*, *Southern African Division Outlook*, *Southern Asian Tidings*, *The North American Informant*, *The North Pacific Union Gleaner*, *The Oriental Watchman and Herald of Health*, *The Record*, *These Times*, *The Youth's Instructor* e *Trans-Africa Division Outlook*. O levantamento obteve, no total, 1203 revistas mencionando o nome *Desmond Doss*, distribuídas em 1142 matérias. Por meio de uma catalogação

---

<sup>1</sup> The Office of Archives, Statistics, and Research: <https://www.adventistarchives.org>

sistematizada das ocorrências do nome, assim como dos sentidos que circundam o mesmo, este artigo propõe a periodização da compreensão que o adventismo norte-americano possui da figura heróica, dentro do recorte analisado.

Dentre as 1203 revistas analisadas, em média, 95% citam ao menos uma vez o nome *Desmond Doss*. Naturalmente, a pesquisa produziu alguns dados descartáveis para o presente artigo, uma vez que as menções ao nome de Doss eram ambiguações de indexação (nomes compostos com *Desmond* ou *Doss*, mas que não diziam respeito ao personagem em questão), portanto, optou-se por ignorar 5% dos resultados, referentes à essa ambiguação. Desses 95% (1141 revistas), aproximadamente 53% (605 revistas) trazem o nome de Doss em um viés publicitário, fazendo referência à sua biografia *The Unlikeliest Hero*, ou ao campo de treinamento para jovens *Camp Desmond T. Doss*, ou ainda à instituição de ensino *Desmond T. Doss Christian Academy*, ambos fundados em sua homenagem. Cerca de 47% dos periódicos (536 revistas) aborda de fato seus atos e/ou sua fé, em uma média de 1 matéria por revista. Dessas, todas as citações exaltam o ato patriótico e abnegado de Doss, com ênfase nacionalista e medalhista, enquanto 90% enfatizam ainda o caráter denominacional exemplar de seus feitos, exaltando o testemunho de fé, fidelidade, solidariedade, coragem e honra deixado pelo soldado ao não abrir mão da guarda dos mandamentos (o descanso do sábado e a preservação da vida alheia, ambos descritos na Bíblia, no vigésimo capítulo do livro de Êxodo).

Em 289 revistas o nome de Doss aparece relacionado ao termo *herói*. É notável, entretanto, o crescimento quantitativo dessas menções à medida em que o tempo passa. Na década de 1940, 40 menções; na década de 1950 (pós-guerra), 62 menções; na década de 1960, 121 menções; e, a partir de então, há um decréscimo das menções que se entende até a década de sua morte, anos 2000, em que há um relativo crescimento, com 13 menções.

Enquanto 289 revistas relacionam diretamente Doss ao verbete *herói*, 328 o relacionam a *soldado*, ao passo que 717 o associam a *exemplo*. Para fins de mera conferência, o nome de Doss foi pesquisado, ainda, combinado a palavras e expressões que mais se repetiram na descrição de sua história presente nos periódicos: *adventista* (1190 ocorrências), *Sábado* (1180 ocorrências), *fé* (1050), *honra* (910 ocorrências),

*coragem* (737 ocorrências), *devoção* (478 ocorrências), *medalha* (425 ocorrências), *mandamentos* (390 ocorrências), *não combatente* (189 ocorrências), *bravo* (182 ocorrências), *integridade* (181 ocorrências), *sem arma* (135 ocorrências), *fidelidade* (120 ocorrências) e *objeitor de consciência* (79 ocorrências).

### **Considerações finais**

O presente artigo pretendeu efetuar uma análise de como Desmond Doss é retratado nas principais publicações adventistas em língua inglesa, de 1945 até 2016 e, por meio desse recorte, identificar os conceitos de *herói* utilizados pelos periódicos adventistas ao abordar a história desse soldado. Percebeu-se que o tratamento dado a ele não se priva de homenagens e exaltação de seus feitos de bravura e integridade cristã, retratando-o como exemplo de conduta, tanto pela abnegação e solidariedade empregados aos demais membros de seu destacamento militar, quanto pelo apego inabalável à guarda dos mandamentos e à conduta cristã em si, mesmo sob situação de aguda pressão psicológica. Contudo, embora a abordagem seja nacionalista e pautada por uma temática de honra, coragem e bravura, as citações ao termo *herói* são, surpreendentemente parcas. Apenas para efeito de comparação, Desmond Doss tem seu nome relacionado mais vezes com os verbetes *Sábado* (1180 ocorrências) e *adventista* (1190 ocorrências), do que com *herói* (328 ocorrências).

Diante desse panorama, pode-se afirmar que, ao menos quantitativamente, Desmond Doss é mais lembrado pelos periódicos adventistas por ser um adventista do que por ser um herói de guerra. Fica subentendido algum tipo de receio com a palavra *herói*, talvez pela própria relação histórica conflituosa da Igreja Adventista do Sétimo Dia com a superaventura e as histórias em quadrinhos. Ainda assim, nos periódicos, não é ignorado seu papel heroico exemplar assim como o testemunho de fé deixado à posteridade.

## **BIBLIOGRAFIA**

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

CARMO, Felipe; NOVAES, Allan. As Histórias em Quadrinhos e o Adventismo Brasileiro: Conflitos e Aproximações na Revista Adventista. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 28., 2015, Belo Horizonte, **Anais do Congresso da SOTER**, Belo Horizonte: PUC Minas, 2015, p. 1157-1160.

GOLDSTEIN, Richard. Desmond T. Doss, 87, Heroic War Objector, Dies. **The New York Times**, 25 mar. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/26zN8q>> Acesso em: 13 jul. 2016.

REBLIN, Iuri Andréas. **A superaventura**: da narratividade e expressividade à sua potencialidade teológica. Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2012.

REBLIN, Iuri Andréas. **A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi**. In: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 22, mai.-ago. 2010. p.13–21.

THE CHRISTIAN CENTURY. People. Chicago: Christian Century Co, v. 123, n. 8, abr. 2006. 19 p.